

“A RUA CONVOCA, a URNA CONFIRMA”

Esse foi o tema escolhido para comemorar os 30 anos da Parada LGBT+ de São Paulo, evento em mês histórico de mobilização e luta

Meses antes, o ativista e motoboy, Galo, participou de um podcast onde expressou sua indignação – utilizando termos reducionistas e LGBTfóbicos – sobre a intersecção da luta de classes e LGBT+. O que nos coloca para refletir: que rua te convoca? A Faria Lima? A Praça da República? A Avenida Paulista? A rua onde os motoboys lutam pelos seus direitos? Ou a rua onde 90% da população trans é obrigada a viver da prostituição? Se é na concepção de trabalho formal, ocupamos cerca de 4,5% das vagas. Quando falamos da população trans, o número cai para 0,38%. Nem a rua ocupamos plenamente ainda, a sociedade nos empurra para o esgoto.

As pessoas se identificarem como LGBT no espaço de trabalho é um acontecimento recente, dos últimos 30 anos, que ainda carrega estigmas, mas na luta, sempre estaremos juntos. Afinal, retirar a identidade e prazeres da classe trabalhadora é estratégia capitalista para aumentar o



lucro. Nesse sentido, Galo trata os trabalhadores como massas amorfas, o pobre trabalhador hipotético, sem tempo, capacidade e disposição de aprender, apenas reforça um discurso conservador e soberbo, como se ele fosse portavoza da verdade de uma classe. Existem muitos entregadores cis-heteros, que no tempo livre fazem sexo anal com suas companheiras, ativos ou passivos, onde que uma coisa exclui a outra? A única coerência nesse discurso é o preconceito.

Quando a rua convoca, seja pelos direitos da classe, seja pelos direitos LGBT+, das mulheres, raciais, entre outros, a nossa luta é mais forte quando coletiva.

A direita cria um pânico moral em cima de um inimigo imaginário para avançar nos seus projetos

neoliberais. Medos fabricados, por exemplo, pessoas trans no banheiro correspondente à sua identidade e o PL da misoginia, enquanto cerca de 60% dos agressores sexuais contra menores são familiares próximos e 70% das agressões acontecem no ambiente doméstico, não envolvendo pessoas trans como agressoras e, em partes dos casos, como vítimas, em forma de “estupro corretivo”.

Esse ano vamos eleger presidente, deputados federais, estaduais e governadores, eles precisam estar alinhados aos nossos interesses de classe, mais do que isso, que não encerremos nossa luta política na urna, que a rua e a urna se alimentem reciprocamente. Não voltaremos para o esgoto, também reivindicamos a rua.



O Transporte Público também é **POLÍTICA LGBT+!**

A classe trabalhadora LGBT passa por violências específicas no transporte público. Desde falta de acesso, até o assédio e lgbtfobia



É preciso pensar o sucateamento do Metrô de São Paulo como uma política pública. Ela é consciente, parte da necropolítica: trabalhadores do transporte ferroviário morrem durante o trabalho, passageiros morrem nas estações a caminho do trabalho, trens lotados, ar-condicionados ineficazes, falta de funcionários, terceirizados sem equipamento adequado e com treinamento impróprio nas estações e ambientes propensos a enchentes, vazamentos e acidentes. A política que define quem tem

direito à vida ou não.

A destruição do metrô público já mostra seus resultados há anos e se aprofunda imensamente no governo Tarcísio. Quando nosso afeto é motivo de violência lgbtfóbica e não temos a quem recorrer por socorro porque as estações estão abandonadas, ou quando uma mulher vai denunciar machismo e assédio a um trabalhador precarizado sem ferramentas para lidar com a violência e a vítima sofre uma segunda violência, são sintomas de um ambiente adoecido como

estratégia e quem paga somos nós.

Nesse sentido, é importante lutar para que os terceirizados sejam incorporados ao metrô público estatal, com o devido treinamento, direitos e recursos, bem como abertura de concurso público para suprir a queda de cerca de 4000 funcionárias que tivemos nos últimos 10 anos sem concurso público. O Metrô segue com aprovação da população, transportando muita gente e recebendo 4 vezes menos que as privatizadas.

Informe-se e junte-se à luta por transporte público de qualidade!

Uma publicação do



Presidente: Dagnaldo Gonçalves Pereira. Secretária de Diversidade Sexual e Identidade de Gênero: Luna Marchesi Leal Amorim. Diretora de Imprensa: Camila Lisboa. Arte: Maria Figaro, MTb 25.888-SP. Sede: Rua Padre Adelino nº 700 – Belém – CEP: 03303-000 – São Paulo – SP. Fone: (11) 2095-3600. Data: Junho/2026.